



## Literatura e sala de aula: uma leitura das “histórias de Alexandre”, de Graciliano Ramos, e de “O avô e o rio”, de Aleilton Fonseca

*Literature and classroom: a reading of Alexandre's History, by Graciliano Ramos, and The Grandfather and the River, by Aleilton Fonseca*

Karla Daniel Martins de Souza Albuquerque\*  
*Universidade Estadual do Oeste do Paraná*  
Cascavel, Paraná, Brasil

Adenilson de Barros de Albuquerque\*\*  
*Universidade Estadual do Oeste do Paraná*  
Cascavel, Paraná, Brasil

**Resumo:** Este artigo busca analisar duas instâncias de leitura a partir das “histórias de Alexandre” – conjunto de contos que compõem a primeira parte do livro *Alexandre e outros heróis* –, de Graciliano Ramos, e uma possibilidade de abordagem do conto *O avô e o rio*, de Aleilton Fonseca, como ferramentas de práticas pedagógicas em sala de aula. No primeiro momento, debruçamo-nos sobre os elementos fantástico, maravilhoso e metaficcional, como características relacionáveis às narrativas. Em seguida, propomos um olhar para a relação texto/público, suscitado pelo direcionamento tênue da abrangência contextual e linguística do autor. No segundo momento, temos no conto supracitado o ponto de partida para a análise da história que representa um processo de formação e aprendizagem, por meio do percurso de seu protagonista na narrativa. Ressaltamos elementos norteadores como o narrador enquanto contador de história na sociedade contemporânea, elementos semânticos indicadores da passagem do tempo, formação cultural familiar, a preparação do aprendizado prático, a memória e o imaginário. Neste estudo, portanto, ao apresentar essas categorias de leitura, temos em vista o professor como figura importante e responsável pela mediação entre o texto literário e a compreensão crítica desenvolvida pelos estudantes.

**Palabras clave:** Literatura brasileira. Público leitor. Prática pedagógica. Literatura juvenil. Conto.

**Abstract:** This article aims to analyze two branches of readings from *Alexandre's History* – a collection of short stories that makes up the first part of the book *Alexandre and Other Heroes* –, by Graciliano Ramos, and a possible approach to the short story *The Grandfather and the River*, by Aleilton Fonseca, as tools of pedagogical practice in the classroom. At a first moment, we will rely on metafictional, marvelous and fantastic elements, as characteristics related to the narratives. In the following, we tend to observe the relationship between the text and the reading public, inspired by the smooth direction of the contextual and linguistic knowledge of the reader. At a second moment, in the short story previously cited, we have the starting point for the history analysis that represents a process of formation and learning throughout the trajectory of the protagonist. We

\* Graduada em Letras e Pedagogia pelo Centro Técnico-Educacional Superior do Oeste Paranaense (CTESOP), Assis Chateaubriand-PR, Brasil. Mestranda da Pós-Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE, Cascavel, Brasil. E-mail: [krl\\_tc@hotmail.com](mailto:krl_tc@hotmail.com).

\*\* Professor de Português e Espanhol no Instituto Federal do Paraná/campus Umuarama. Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Letras/UNIOESTE. Membro dos grupos de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, coordenado pelo Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck, e “EDIFICARE: Grupo de Estudos em Educação”, coordenado pela Profa. Ms. Sílvia Eliane de Oliveira Basso. E-mail: [adenilsonbar@gmail.com](mailto:adenilsonbar@gmail.com).

highlight the guiding elements as the protagonist while history teller in the contemporary society, semantic elements of the passage of time, familiar cultural formation, the preparation of practical learning, memory and imaginary. In this study, when presenting these reading categories, we keep in mind the professor as an important person and responsible for the mediation of the literary text and the critical comprehension developed by the students.

**Keywords:** Brazilian Literature. Reading public. Pedagogical practice. Youth Literature. Short Story.

## 1 INTRODUÇÃO

É nítida a influência que histórias fictícias trazem, principalmente por mexer e avivar o nosso imaginário. Histórias que permitem uma aproximação com a realidade, acabam nos fazendo refletir segundo os ensinamentos e reflexões que cada texto revela. Esses fatores, envolvidos por um enredo rico de detalhes, resgatam a memória e embalam a imaginação de forma a prender e instigar nossa atenção. O leitor, ao acompanhar curiosa e atentamente cada história, desvenda-se e desenvolve-se a partir das “aventuras” desencadeadas e, assim, entra em contato com o mundo. A leitura livre e descompromissada que tende a crescer a cada texto proporciona uma nova visão sobre o que nos cerca.

A partir das “histórias de Alexandre”, de Graciliano Ramos, e de “O avô e o rio”, de Aleilton Fonseca, revisitamos uma produção literária com eloquência significativa de expressão e desafio para os tempos atuais. Nosso artigo teórico/metodológico se apresenta, assim, como ferramenta de prática pedagógica em sala de aula, utilizando-se dessas narrativas curtas que envolvem o leitor instantaneamente, ou seja, em um espaço curto todos os elementos da narração são capazes de expressar concisamente a complexidade da vida, fazendo o leitor (re)viver momentos reais contidos na memória por meio da ficção.

A “rapidez” do gênero conto não impede que o imaginário do leitor seja perpassado pela sua significação, para além do argumento literário. Conforme Bosí (1975, p. 31), o conto funciona como uma espécie de “[...] poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real ou imaginária”. Tais características impressionam, pois, “[...] a tensão se instala desde as primeiras frases para fascinar o leitor, fazê-lo perder o contato com a desbotada realidade que o rodeia, arrasá-lo numa submersão mais intensa e avassaladora.” (CORTÁZAR, 2006, p. 231).

Os contos, portanto, permitem diferentes abordagens, pois aproximam-nos do texto com maior “facilidade”. Ao ler um conto, somos levados a considerar o enredo particular que se apresenta, trazendo a história para o nosso interior, em um processo recíproco de identificação. A partir dessas considerações iniciais, passemos aos textos eleitos para nossa discussão.

## 2 AS HISTÓRIAS DE ALEXANDRE

*Alexandre e outros heróis* (1962) é uma publicação póstuma que reúne três escritos de Gracianos Ramos: “histórias de Alexandre” (conjunto de 14 contos), cuja apresentação data de 1938; “A terra dos meninos pelados”, premiado pelo Ministério da Educação em

1937; e “Pequena história da República”, de 1940. Seguiremos a orientação de Osman Lins que, em posfácio (1982, p. 187-98), preferiu não forçar semelhanças entre os textos e analisou-os separadamente, apesar de pertencerem à mesma fase do autor alagoano. Assim, ora propomos um olhar para o primeiro desses escritos – “histórias de Alexandre” –, a fim de apontar características narrativas comuns na composição dos contos e discorrer sobre sua representatividade frente o público leitor.

À guisa de apresentação, iniciemos com a apreciação da informação paratextual indicada na contracapa:

Alexandre é o mentiroso nato, um Barão de Munchausen caboclo, que todas as noites conta para os vizinhos as suas fantásticas aventuras. Esse tipo, que existe em todo o folclore mundial, foi magnificamente retratado por Graciliano Ramos nas suas feições nordestinas em “Alexandre e outros heróis”, livro irônico, bem-humorado, escrito inicialmente para crianças mas no qual os adultos acham ainda mais graça. (1982).

Nestas palavras contém a antecipação parcial e a intencionalidade sugestiva dos textos que procuram convencer o leitor sobre a qualidade do que está prestes a ler. Na atenção especial a uma das partes do livro, apesar da menção ao título geral, a personagem Alexandre é definida como caboclo mentiroso cujas histórias fantásticas são contadas aos vizinhos. Aí estão delimitados a voz enunciativa das histórias, o público imediato e a adjetivação do conteúdo das narrativas. As feições nordestinas são afirmadas e o público alvo questionado, ao se constatar o efeito que a obra provoca nos adultos.

Neste resumo, estão expostos, em grande medida, os eixos que nortearão nossas reflexões, na disposição de embarcar nas aventuras de um narrador que – como quem se adapta às categorias de camponês sedentário e marinheiro viajante propostas por Benjamin (1987, p. 197-221) – conta as histórias vividas nas imediações de onde nasceu e aquelas decorrentes de suas viagens como criador e vendedor de gado.

## 2.1 CARACTERÍSTICAS NARRATIVAS

Antes de apresentar as personagens Alexandre e sua esposa Cesária, o autor adverte: “As histórias de Alexandre não são originais: pertencem ao folclore do Nordeste, e é possível que algumas tenham sido escritas.” (RAMOS, 1982, p.7). Inspiradas na tradição popular ou originalmente elaboradas, o que não podemos desconsiderar é a mediação escriturária de quem as organizou, sob os moldes próprios de uma da linguagem narrativa unificada pela presença de estratégias recorrentes. Elas aparecem no desenrolar de conversas entre um grupo que não ultrapassa, além de Alexandre e Cesária – mulher que sempre concorda e até ajuda o marido a costurar as histórias em momentos que ele parece vacilar em algum pormenor –, “[...] seu Libório, cantador de emboladas, o cego preto Firmino e Mestre Gaudêncio curandeiro, que rezava contra mordedura de cobras. Das Dores, benzedeira de quebranto e afilhada do casal.” (RAMOS, 1982, p. 11).

Ao contar a história de como e por que tem um olho torto, Alexandre refere-se à noite em que montou em uma onça, confundindo-a com a égua pampa, passaram por um espinheiro e, somente no outro dia, ao se dar conta do ocorrido, percebe que perdeu um olho. Reencontrou-o e devolveu ao seu devido lugar: “Querem saber o que aconteceu? Vi a cabeça por dentro, vi os miolos, e nos miolos muito brancos as figuras de pessoas em que eu pensava naquele momento. Sim senhores [...]. É verdade.” (RAMOS, 1982, p. 23). O fechamento dessa informação visa eliminar possíveis questionamentos, entre os presentes, vez ou outra levantados pelo cego Firmino como em “Essa história da onça era diferente a semana passada” (RAMOS, 1982, p. 19), e todas as vezes repelidos pelo narrador como em “— A opinião de seu Firmino mostra que ele não é traquejado.” (RAMOS, 1982, p. 20).

Dentro desses pressupostos gerais, a série de histórias é apresentada por Osman Lins, em posfácio, nos seguintes termos:

[...] os contos de Alexandre não se apresentam declaradamente como inaceitáveis, como seria o caso das histórias de fada e das fábulas de La Fontaine; nem buscam, conquanto fora da experiência cotidiana, a nossa aceitação, como sucede com as histórias envolvendo o sobrenatural. Violando o possível e decorrendo em ambientes reais, próximo do narrador de dos pseudo-ouvintes, envolvendo objetos e animais também familiares – e que só distam do familiar à medida que são excepcionais – estas narrativas, aparentemente alheias à sua absoluta inviabilidade, fingem esperar a nossa convivência. Todas. (1982, p. 189-90).

As ressalvas feitas no fragmento acima não seriam necessárias se, em alguma medida, as “histórias de Alexandre” não sugerissem aproximações com o fantástico e o maravilhoso, enquanto categorias narrativas manifestadas nos contos. Não se apresentar declaradamente inaceitáveis nem buscar a aceitação do sobrenatural não eximem as histórias de uma avaliação analítica que, ao nosso ver, dialogam com as modalidades literárias em questão, em duas situações específicas, envolvendo as posturas, diante do narrado, das personagens Alexandre e Firmino. Para tanto, vejamos o que escreve David Roas ao ensinar que, por um lado, “[...] para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transtornará sua estabilidade.” (2014, p. 31). Por outro lado: “Quando o sobrenatural se converte em natural, o fantástico dá lugar ao maravilhoso” (2014, p. 34).

Nas Histórias de Alexandre, consideramos a personagem Firmino um ouvinte/leitor pertencente ao espaço habitado pelo narrador. O primeiro, contudo, se incomoda repetidas vezes com o que, ao elencar elementos da literatura fantástica, María del Carmen Tacconi de Gómez (1995, p. 18-9) chama de possibilidades de alteração da legalidade cotidiana, entre elas: a transgressão da lei de causalidade; o objeto incrível e a criatura absurda; o extraordinário hiperbólico. Eventos e aparições relacionados a essas alterações, para citarmos alguns contos, podem ser exemplificados com a história do bode de tamanho e eficiência desproporcionais que, utilizado como cavalo excelente, protagonizou façanhas montado por Alexandre; a cobra que foi calçada, confundida com uma bota; a canoa furada que não afundou após Alexandre ter a ideia de fazer um

segundo furo; o tiro com a espingarda que, a dezessete léguas de distância, acertou um veado na orelha e no pé; etc.

Mesmo com todos os indícios de que Alexandre seja um grande mentiroso, há uma espécie de contrato entre os interlocutores os quais não recusam a audição das histórias: “Se não estiverem com disposição, usem de franqueza: calo a boca, seu Libório pega na viola e canta [...]. — Não senhor, escusou-se o cantador, modesto. Fale vossemecê.” (RAMOS, 1982, p. 61). Assim, as peripécias vividas ganham status de acontecido verdadeiro, inquestionável, maravilhoso. O cego Firmino, somente, se incomoda com as transgressões fantásticas encadeadas pelas memórias de Alexandre que, auxiliado por Cesária no comprometimento com o relato, naturaliza o sobrenatural, envolvendo habilmente os amigos vizinhos e o leitor incauto. Por isso, as palavras de Osman Lins, insuspeitas por se tratar de um leitor experimentado e escritor consagrado, não deixam de disfarçar o que ele próprio intuiu: histórias que buscam a nossa convivência, sem adentrar no âmbito das narrativas fantásticas e maravilhosas.

Nosso propósito, contudo, está em demonstrar possíveis motivações que, na tessitura de “histórias de Alexandres”, levaram às ressalvas, não totalmente convincentes, expressas no posfácio. Isto é, elementos fantásticos e maravilhosos, se não determinam a estrutura da obra, rondam as perspectivas de pelo menos duas das personagens.

À terceira característica narrativa que trazemos neste momento de nosso trabalho dá-se o nome de metaficção. Nos contos abundam passagens como: “Mas talvez nem possa escorrer tudo hoje, porque essa história nasce de outra, e é preciso encaixar as coisas direito. Querem ouvir? Se não querem, sejam francos: não gosto de caceteir ninguém”. (RAMOS, 1982, p. 11). Estas são explicações que, pela voz do narrador personagem, parecem incorporar conscientemente um direcionamento estrutural da obra. Nessa perspectiva, leiamos o que propõe Antonio J. Gil González (2005, p. 11-2):

Todo relato de ficción, es pues, al mismo tiempo, desde el punto de vista comunicativo, una ficción de relato, del mismo modo que cualquier universo narrativo contiene la huella (las marcas) de su originario acto productor; pero ello no le otorga necesariamente la condición metaficcional – aunque sí tal vez una cierta forma expandida de autoreferencia. Es necesario aún que la ficcionalización que afecta naturalmente a toda acción enunciativa se reproduzca de nuevo, reduplicada, en el interior de un mundo narrativo que escientifique la representación de la representación, la ficción de la ficción<sup>1</sup>.

A partir da representação da representação, surge o que Gil González (2005, p. 11) considerara o “efeito metaficcional”, quando a informação narrativa, no mundo narrado se converte no objeto básico da linguagem. Nesta direção, a manifestação consciente de que a escrita decorre de convenções e arbitrariedades ocorre, por

---

<sup>1</sup> Nossa tradução: Todo relato de ficção é pois, ao mesmo tempo, desde o ponto de vista comunicativo, uma ficção de relato, do mesmo modo que qualquer universo narrativo contém as pegadas (as marcas) de seu originário ato produtor; mas isso não outorga necessariamente a condição metaficcional – embora sim seja talvez uma certa forma expandida de autorreferência. É necessário ainda que a ficcionalização que afeta naturalmente toda a ação enunciativa se reproduza de novo, reduplique-se, no interior de um mundo narrativo que escientifique a representação da representação, a ficção da ficção.

exemplo, mais uma vez no conto “Uma canoa furada”. Nele, “Mestre Gaudêncio curandeiro, homem sabido, explicou uma noite aos amigos que a terra se move, é redonda e fica longe do sol umas cem léguas” (RAMOS, 1982, p. 74). Cesária concordou, Firmino achou a distância exagerada e duvidou: “— Conversa, mestre Gaudêncio. Quem mediu? Das telhas para cima ninguém vai. Isso é emboança de livro, papel agüenta muita lorota. Não embarco em canoa furada não, mestre Gaudêncio.” (RAMOS 1982, p. 74). Dessa discussão, Alexandre inicia a história que se deu no rio São Francisco, com a canoa furada e, a certa altura, comenta:

O caso da canoa também foi muito aumentado. É bom prevenir. Se vossemecês ouvirem falar nele em cantoria, fiquem sabendo que as nove-horas são astúcias do poeta. O acontecido foi coisa muito curta, que eu podia embrulhar num instante. E se converso demais, é porque a gente precisa matar tempo, não sapecar tudo logo de uma vez. Se não fosse assim, a história perdia graça. Por isso espichei diante dos amigos a cidade grande, os teatros, os bondes, os ovos e a roupa nova, o corte de pano fino e o frasco de cheiro que ofereci a Cesária. (RAMOS, 1982, p. 76).

Nesta passagem, as especificidades da história envolvendo a canoa furada desaparecem e dão lugar a considerações externas aos acontecimentos, no destaque inerente à repercussão, deturpada, do caso em cantorias e ao prolongamento intencional da narrativa, com a inserção de elementos acessórios, para dar mais graça ao fundamental. A sugestão de que o recontar da história por outrem pode ser bastante diferente e que à sua própria versão atual foram acrescentadas informações aleatórias, dão margem à desconfiança de que os relatos-base das “histórias de Alexandre” também não se garantem dentro da rigidez inabalável, às vezes almejada, porém impossível nos domínios da linguagem verbal. A preocupação em desvelar esses descaminhos das histórias faladas ou escritas, para além do destaque preliminar do autor sobre possível falta de originalidade na composição dos textos, estende-se para o interior das histórias, à maneira de projeto literário, irredutível às superfícies do entretenimento.

## 2.2 O DESTINO E O TINO DO TEXTO

As “histórias de Alexandre”, conforme pudemos apreciar, tiveram como destinatário o público infantil. Na edição que estamos exibindo, entretanto, há a observação de que não só às crianças está agradando a leitura dos contos. Com isso, nos vemos diante de uma orientação categorizada que, na prática, tem sua intencionalidade transcendida. Se, por um lado, o autor parece compreender que o conjunto de contos diferia de seus romances “para adultos”, por outro, ele não determinou as condições e o alvo comercial de suas histórias. Temos, tão somente, a advertência do editor: “escrito inicialmente para crianças.” Diante disso, recorremos à Marisa Lajolo (1995, p. 24), para depreender o seguinte:

Tanto a criança à qual se destina a literatura infantil é uma construção, quanto o jovem ao qual se destina a literatura juvenil é outra construção, ambas sociais. E, na condição de satélites de construções sociais, tanto o *infantil* de uma quanto o *juvenil* de outra são

conceitos instáveis: o que é literatura infantil, em determinado contexto, pode ser juvenil em outro e vice-versa.

O contexto e as diretrizes que abarcavam as construções sociais nas décadas de 1930 e 1940 eram, logicamente, diferentes das que traçam seus contornos no tecnológico e instável século XXI. Dessa discussão, porém, o que nos interessa é verificar que os conceitos de infância e juventude, assim como de adolescência, fase adulta, etc., obedecem a especificações sociais, variáveis de acordo com suas características conjunturais. Se a ideia de criança parte de uma construção, a de literatura infantil ou juvenil não foge à regra. Para Ligia Cademartori (2012, p. 61), é a partir da escola que “[...] costuma-se rotular de juvenil a literatura endereçada a alunos das séries finais do ensino fundamental e àqueles que frequentam o ensino médio.” A instabilidade dos gêneros, portanto, não pode esperar soluções definitivas a partir de sua origem de produção. Ela está sujeita aos ditames sociais como, por exemplo, a veiculação didática e metodológica dos livros em sala de aula.

Sinalizamos para estas questões a fim de defender a hipótese de que as “histórias de Alexandre” estão entre os textos que não se prendem, de imediato, a esta ou aquela categoria literária, apesar de seu aparente apelo ao público infantil. É evidente que a brevidade dos relatos, a linguagem próxima à oralidade, o suspense e as peripécias apresentados não encontrariam grandes obstáculos para se fazer entender a até garantir diversão, independentemente da idade ou das particularidades sociais do leitor. A representatividade contextual e linguística presente na obra nos encaminha para a capacidade que a literatura tem, segundo Tzvetan Todorov (2009, p. 23-4), de nos abrir

[...] ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Na interação com os contos de Graciliano Ramos, nossa vocação de ser humano pode ser ampliada na medida em que adentramos uma parte do sertão, um contexto que, direta ou indiretamente, está vivo na formação do ser brasileiro, híbrido e, por isso, devedor das perdas e ganhos condicionantes de nossa existência cultural. Confrontações, inofensivas a princípio, revelam elementos de dois mundos que, interdependentes, teimam em distanciar-se, valendo-se dos subterfúgios inerentes às comparações entre comunidades sociais, muitas vezes veladas sob a ignorância mútua, característica das relações distanciadas:

Na capital só viam em mim um sujeito que vendia gado. Mas se quiserem saber a minha fama no sertão, dêem um salto à ribeira do Navio e falem do major Alexandre. Cinquenta léguas em redor, de vante a ré, todo o bichinho dará notícias das minhas estrepolias. A história da onça, a do bode, o estribo de prata, este olho torto, que ficou muitas horas espetado num espinho, roído pelas formigas, circulam como dinheiro de cobre, tudo exagerado. É o que me aborrece, não gosto de exageros. Quero que digam só o que eu fiz. (RAMOS, 1982, p. 75-6).

A primeira frase deste fragmento inicia um protesto, ou um desabafo, que abrange significativamente a leitura geral dos contos. Nele se retoma o assunto de várias histórias, agregando-se o desejo de que não sejam exageradas por aqueles que as retomarem futuramente. A reclamação, aborrecida, apontada para o desconhecimento que havia na cidade sobre alguém afamado no sertão, reafirma o distanciamento, hoje modificado se comparado ao existente em 1940 ou àquele denunciado por Euclides da Cunha em *Os sertões* (1902), mas ainda expressivo nas mais variadas formas de preconceitos e ataques gratuitos, especialmente incitados por uma parcela da população que se crê civilizada.

Apesar do pedido para que “digam só o que fiz”, não é difícil entrever o orgulho do narrador sobre o fato de que, antes de tudo, suas histórias “circulam por aí como dinheiro de cobre.” A propagação, no espaço e tempo definidos da ficção, completar-se-á, substancialmente, quando os feitos de Alexandre chegarem ao conhecimento de todos os leitores possíveis, independentemente de sua origem geográfica ou sociocultural.

Acompanhar e aprender com os contos de Graciliano Ramos é ver para além da obviedade do estrategicamente estabelecido. Isto se dá, como conclui Osman Lins (1982, p. 198), não com “[...] o olho de inventar maravilhas, mas [com] o olho torto, atravessado, o de ver claro as coisas.” A anomalia que mistura e desestabiliza a concepção tradicionalizada de se enxergar o “correto” das coisas aparece como um processo necessário, considerado por Zilá Bernd (1995, p. 81) como exemplo de “[...] reutilização do menor (oral e popular) na montagem maior, em uma perspectiva de profanação e de subversão da tradição literária brasileira e latino-americana letrada [...]”. Neste contexto se inscrevem as “histórias de Alexandre” que, uma vez focadas na orientação de leitura arbitrariamente fechada, ou desimpedidas das especificidades de um público direcionado, compreendem um universo de conteúdo e linguagem indispensáveis, àqueles que não se acomodam diante da aparente estabilidade das relações humanas, em sociedades vizinhas cujas fronteiras não comportam demarcações definitivas.

### 3 O AVÔ E O RIO

O conto “O avô e o rio”, do escritor baiano Aleilton Fonseca, traz a história de um avô que tem somente o seu neto na vida. Conforme a perspectiva deste último, quem direciona o relato: “[...] Éramos só vô e eu no mundo. Nada mais em minha lembrança ou algum segredo que ele me contasse [...]” (FONSECA, 1996, p. 12). O avô tenta, no seu dia a dia, ensiná-lo a entender e a superar a audácia das águas do rio em que moram às margens. Com a labuta de todo dia, o menino se envolve com a sabedoria prática de seu avô, muitas vezes compreendida somente com o olhar. O tempo passa, o menino cresce e enfim a água do rio não pode ser mais superada pelo avô. Sem saber como, o neto se mune das ferramentas necessárias observadas do cotidiano e enfim entende a frase de seu amado avô que se fora, “Você tá um homem, meu neto” (1996, p. 14.), e vai continuar o trabalho sem cessar.

As enunciações do conto, assim, oscilam entre a voz onisciente do narrador externo e a voz do narrador em primeira pessoa, a do neto:

Era tardinha, as cigarras ciciando nos coqueiros, os peixes rebulizando à flor d'água, no rio. O avô, curvando-se, arriou o carrinho de mão sobre os descansos toscos, os rumos de suor que secara abrindo sulcos empoeirados em suas costas. E o avô ordenou, ofegante: — Pegue... aqui, vê se... já aguenta. Não era a primeira vez, esta ordem em tom de pedido já me era familiar. (FONSECA, 1996, p. 7).

É relevante citar que o conto “O avô e o rio” nos remete a uma ideia do ato de contar história. Walter Benjamim expõe uma reflexão sobre o desaparecimento do narrador na história presente da civilização, o quanto a narrativa e a arte de narrar história está sumindo, ou seja, o narrador contador de história na sociedade contemporânea está em processo de extinção. Segundo Benjamim (1994, p. 221), o narrador

[...] figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida. [...] Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.

O conto nos apresenta, em certa medida, o narrador conforme o modelo de Benjamin, que utiliza da memória e da experiência para tecer a sua história. É a voz enunciativa do neto que se sobressai ao relatar as suas ações juntamente com o seu avô que apresenta poucas falas, mas ensinamentos por meio de atos. A figura central para o processo de formação do menino é o avô, que não era de falar, “[...] Era todo de reservas, o meu avô [...]” (FONSECA, 1994, p.12), mas que demonstrava incansavelmente ao seu neto, de forma prática, como é que deveria ser feito o trabalho:

Eu ficava à margem, jogando pedrinhas de cascalho na água, o olhar pregado no avô que já puxava as baronesas, com as suas flores violentas e seus papos intrigantes. Ele saía da água com a alma enxuta e me olhava ensinando: — Viu como se faz, macho? Eram o avô e o rio, nessa luta. Eu sempre por perto, ajudante, aprendiz, assim o avô querendo. (FONSECA, 1996, p. 10).

Essas eram algumas das lições que o avô dava todos os dias ao seu neto, a partir das quais o menino deveria seguir para ser um homem com êxito. Mesmo que pareça ao olhar superficial uma educação tradicional e preconceituosa pela utilização dos termos “macho” ou “cansou, macho?”, o menino era direcionado à formação de um sujeito ético demonstrado principalmente nas passagens em que fica claro o sentimento de amor um pelo outro: “Ao final de tudo, ele ficava no todo contente. Eu amava esse vô meu.” (FONSECA, 1994, p. 10).

As expressões, “com o tempo”, “noutro tempo”, “com alguns anos” utilizadas no texto, reforçam a certeza de que o tempo estava se passando, que o neto havia crescido

e conseguira entender tudo o que era necessário para sobreviver ao menos ali onde passara sua infância.

Outro exemplo desse processo de aprendizagem eram as tentativas que o avô fazia para ir acompanhando o crescimento e amadurecimento do seu neto:

Eu era seu tudo no mundo, sua esperança contra o rio secular, diante daquele carrinho cheio de barro: — Pegue... aqui, vê se... já agüenta... Eu já agüentava, vô, com todo o esforço de minha vontade. Mas ainda era pesado para a minha idade, era um carrinho de dúvidas às vezes, o puro cascalho. (FONSECA, 1996, p. 12).

Podemos assim compreender o avô como o mentor de seu neto, uma característica comum também no romance de formação. É possível notar que ao ter uma vida simples, sem estudo formal e ao se deparar com as circunstâncias da vida e de sua família ser somente o neto, o avô traça uma linha educativa por meio do cotidiano, utilizando o rio como o grande causador de problemas a serem resolvidos e ao mesmo tempo a fonte e motivo de suas vidas:

O rio avançou até o meio do quintal, cobrindo as plantas mais baixas, quase subindo à copa dos coqueiros mais novos. Vô soltava fumaça entre os dentes, olhava a chama do cigarro, os olhos apertados. Ele me observava em silêncio, trocávamos nos olhares mais que palavras. Contávamos as mortes certas, víamos os quantos coqueiros amarelando e as bananeiras apodrecendo, parte do aterro se dissolvendo rio adentro. Mas vô nunca teve desânimo para o meu aprendizado. — Me respeite, rio diabo! — resmungava quando o nível da água ameaçava avançar mais. (FONSECA, 1996, p. 13).

Assim, o avô tenta mostrar ao seu neto como resolver todos esses obstáculos trazidos pelo rio. O maior aprendizado é a luta de todos os dias, pois era o que ele sabia fazer e precisava que o neto entendesse como lidar com o rio e a terra de onde tiravam o sustento.

Além do léxico que caracteriza noções de passado e de presente em continuidade, deparamo-nos, por exemplo, com referências ao tempo no vai e vem da enchente do rio, com os movimentos do carrinho de mão indo e voltando, o crescimento das plantações, a luz cotidiana e o cantar dos pássaros nas manhãs do quarto do avô: “Os carrinhos de madeira foram ficando carcomidos pelos anos, quantas rodas trocadas e os consertos, quantos eixos gastos no atrito do trabalho. Vô foi ficando menos forte. Já enchia menos cada carro, mas sem coragem para me mandar fazer o mesmo.” (FONSECA, 1996, p. 13). E com o passar do tempo tudo fora ficando como o avô quisera. O enredo do conto evolui de acordo com as lições passadas pelo avô e aprendidas pelo neto.

O conto “O avô e rio” apresenta diversos aspectos que permeiam o imaginário do leitor. É um mergulho na memória, na lembrança e no interior que colabora para a compreensão de sentimentos e do mundo. Indica o início de uma jornada própria dos romances de formação, pois a oportunidade de o neto provar o que aprendeu se dará numa situação imprevista, quando o então jovem se vê sozinho:

Um dia, vô não veio me chamar na cama como fazia. Abri os olhos e não ouvi o intenso canto de pássaros da manhã [...] Vô perdera a hora? Meu coração apertou como nunca eu sentira. Minhas lágrimas inundaram o sol que fazia lá fora. No quarto ao lado, vô dormia, o semblante plácido no corpo fatigado, para sempre. (FONSECA, 1996, p. 14).

A transformação na personagem principal, típico do romance de formação, nesta narrativa é evidente. O narrador personagem nos conta como foi criado, desde sua infância, para se tornar um homem forte capaz de vencer as artimanhas de um rio e também usá-lo como metáfora para conflitos externos. Sua educação foi conduzida pelo avô que, ao longo da narrativa, oferece, na prática, ensinamentos morais que nem sempre eram ditos e sim muitas vezes compreendidos somente pelo olhar. Quando enfim, o protagonista se vê como homem:

Eu ergui o carrinho cheio de barro e guiei. No que empurrava, sulquei um caminho com a roda chiando, minha primeira trilha em direção ao rio. Na beira d'água, virei o carrinho de um golpe [...] Vô repetiu a frase, olhando para a extensão do rio, vencedor: — Você tá um homem, meu neto. (FONSECA, 1994, p.14).

A experiência de vida compartilhada entre o narrador (neto) e o avô foi importante no sentido de que os fatos acumulados (cenas vividas) eram a explicação para tudo o que o avô não dizia detalhadamente. Apesar dos percalços, a vida continuaria e o neto enfim entende e se vê como homem:

De tardezinha, quando retomei o sentido das coisas, as cigarras teimavam em cantar. O enterro do vô seguia. Mas eu o acompanhei só com os olhos que enfim secavam. Ao fundo, ao final de tudo, o rio enchia rápido com a fúria das vinganças. Coloquei as ferramentas no carrinho, aprumei o corpo, segurei firme as alças e continuei. O chiado da roda era um gemido e uma lembrança. (FONSECA, 1996, p. 14).

O leitor consegue acompanhar a subjetividade do narrador personagem que utiliza de palavras do seu interior para demonstrar todo o sentimento de perda que a morte trouxera. Era necessário despedir-se daquele momento e seguir com grandes desafios que seu avô lhe deixara: cuidar do espaço onde viveram e que tantas outras vezes puderam ajudar as pessoas, por causa das enchentes do rio que arrastava tudo a sua volta; também lidar com a saudade e as lembranças de cada lugar e ensinamento que o avô pode demonstrar em todos os anos em que estiveram juntos: o avô como trabalhador generoso e o neto seu grande ajudante e aprendiz.

#### **4 LITERATURA E SALA DE AULA: À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A apresentação elementar de características narrativas e a incursão por caminhos de leitura, dentro da amplitude significativa das “histórias de Alexandre” e de “O avô e o rio”, foram desenvolvidas a partir do entendimento de que o conjunto de contos escritos por Graciliano Ramos e o conto de Aleilton Fonseca não se limitam a possíveis

adequações para públicos determinados. A linguagem e o teor das narrativas, quicá desprovidos da ambição de se ultrapassar a fugacidade do entretenimento, revelam-se provocadores e direcionam nosso olhar para problemáticas da literatura brasileira. Em sua variedade de expressão, ela não deixa de revelar-se como resultado e denúncia dos encontros conformadores de nossa riqueza e, paradoxalmente, pobreza culturais.

Ao narrar para os vizinhos as peripécias de suas aventuras, Alexandre compartilha mais do que uma profícua imaginação. Ele nos convida para sentar, ouvir e aprender com os ecos profundos que, longe da totalidade, integram parte importante dos nossos discursos. Já “O avô e o rio” conduz o leitor a dialogar consigo, pois busca reflexão através da trajetória de formação de vida de um menino que sofre com a angústia da perda, vendo nela o sentido para seguir adiante.

Os contos revelam situações inerentes ao ser humano, que nos chegam por meio da literatura para serem refletidas e discutidas. As personagens utilizam da memória e da experiência para tecerem suas histórias que passam por ensinamentos como: a imaginação mirabolante, o conhecimento de uma parte irreverente e ao mesmo tempo profunda do sertão, a preparação da aprendizagem prática, o amor entre netos e avós, a morte como parte da vida, a passagem do tempo, sofrimento, a formação familiar, a lembrança, a memória e o imaginário.

Ao analisar os contos, novos horizontes se abrem para repensarmos e construirmos ações cuja leitura do texto literário seja a base do dia a dia de leitura, intensificando a importância do encontro entre o leitor e o texto, pois “[...] as obras existem sempre em diálogo com um contexto” (TODOROV, 2010, p. 32) para que possam se encontrar, retratar na construção de sentidos decorrentes das experiências. É importante que haja condições para que a leitura seja significativa: “[...] as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar.” (CANDIDO, 1972, p. 4). Mas para que isso aconteça é crucial que o professor também queira participar desse mundo literário, já que é o principal norteador a proporcionar momentos e alternativas em que os alunos sintam realmente prazer em conhecer e estar em contato com a literatura.

Sendo assim, escolher textos que causam reflexões para além do literário e levar para a sala de aula é um importante aliado do professor na busca de integrar a literatura no cotidiano dos estudantes. Construir metodologias em que a leitura do texto seja a base, intensificando a importância do encontro entre o aluno e a obra que deve, à priori, ser interpretada de forma subjetiva para delinear “os possíveis sentidos” do texto. É importante ainda relacioná-lo com à época de produção e aproximar o assunto ao contexto do aluno, em um processo de identificação com o seu cotidiano em forma de juízos críticos.

A produção literária, para Maziero e Niederauer (2009, p.112.), “[...] se constitui com a presença de personagens caracterizados de forma mais próxima à realidade, fato que pode servir como forma de atração e identificação por parte do público leitor.” A literatura juvenil contemporânea, ainda segundo os autores, possibilita ao leitor “[...] uma maior compreensão do mundo que o cerca, tendo em vista que o texto literário se

inscreve de maneira direta na realidade vivida.” (MAZIERO e NIEDERAUER, 2009. p. 112).

O ponto de vista do leitor é imprescindível, e de grande relevância para a compreensão do significado histórico da obra, pois esta

[...] desperta lembranças do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então - e não antes disso -, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28).

Ao ler uma obra, devemos levar em consideração o processo de leitura que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio. O leitor utiliza na leitura tudo o que ele já sabe, estabelecendo relações de conhecimento adquirido ao longo de sua vida, perpassando os tempos. Cabe ao professor planejar, organizar, construir e, se necessário, reconstruir suas práticas para que os resultados sejam significativos. Pensar e executar metodologias que foquem a leitura literária como centro da aula. Trazer a literatura para o contexto da sala de aula pode ser o primeiro passo para que essa contribuição se edifique.

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Bom, o Belo, o Verdadeiro, definimos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço de sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras. (CANDIDO, 1972, p. 805).

A literatura nos permite imaginar outros sentidos para aquele que já está pré-estabelecido, possuindo grande teor na formação humana por ser reflexo da mesma e muitas vezes indo além daquilo que podemos viver. A literatura proporciona o aprendizado, a capacidade de reflexão, amplia a realidade fazendo ganhar sentido questões pensadas ou não. “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características.” (TODOROV, 2010, p. 22). E por ter esse cunho reflexivo que excede os limites previstos, principalmente nos textos, permite ao indivíduo conhecer a si mesmo e ao mundo. São essas reflexões que nos levam a propor um caminho de leitura das “histórias de Alexandre” e de “O avô e o rio”, no intuito de que esses contos possam ser conhecidos e pensados nos diferentes e heterogêneos contextos da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- BERND, Z. Inscrição do oral e do popular na tradição literária brasileira. In. *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. BERND, Z. e J. Migozzi (Orgs.). Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995.
- BOSI, A. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CADERMATORI, L. O mundo é maior que o meu bairro. In. *O professor e a literatura: para pequenos médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- CORTÁZAR, J. Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores. In. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CUNHA, E. *Os sertões: campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.
- DRUMMOND, E. O espaço ficcional idealizado na obra infantil de Graciliano Ramos. In. *Rev. de Letras*. n. 25, v. 1/2, jan/dez. 2003, p. 40-47.
- FONSECA, A. *Jaú dos Bois e outros contos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1996.
- GIL GONZÁLEZ, A. J. Variaciones sobre el relato y la ficción. In. *Antrhopos: metaliteratura y metaficción – balance crítico y perspectivas comparadas*. Barcelona, n. 208, 2005, p. 9-28.
- JAUSS, H. R. *A História da Literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- KLEIMAN, Â. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 1996. Campinas. Pontes.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- LINS, O. O mundo recusado, o mundo aceito e o mundo enfrentado. (Posfácio). In. RAMOS, G. *Alexandre e outros heróis*. Ilustrações Moraes. Rio, São Paulo: Record, 1982.
- MAAS, W. P. M. D. *O Cânone Mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- MAZIERO, E.; NIEDERAUER, S. H. *Literatura infante juvenil: dos contos de fadas às narrativas contemporâneas*. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.unifra.br/index.php/disciplinaumALC/article/viewFile/741/688>. Acesso em: 25/10/2017.
- RAMOS, G. *Alexandre e outros heróis*. Ilustrações Moraes. Rio, São Paulo: Record, 1982.
- ROAS, D. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- TACCONI DE GÓMEZ, M. del C. *Categorías de lo fantástico y constituyentes del mito en textos literarios*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán Facultad de Filosofía y Letras, 1995.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Recebido em: 06/10/2019  
Aprovado em: 07/12/2019  
Publicado em: 19/12/2019